UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CLAUDIA SILVEIRA DE ALMEIDA

O CORPO FEMININO NO FUTEBOL UNIVERSITÁRIO: PERCEPÇÕES SOBRE QUESTÕES DE PRECONCEITO E GÊNERO

FORTALEZA
2023

CLAUDIA SILVEIRA DE ALMEIDA

O CORPO FEMININO NO FUTEBOL UNIVERSITÁRIO: PERCEPÇÕES SOBRE QUESTÕES DE PRECONCEITO E GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física, do Instituto de Educação Física e Esportes, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Dr. Marcos Antônio Almeida Campos
Co-orientador: Patrick Anderson Martin Magalhães

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A445c Almeida, Claudia Silveira de.
O corpo feminino no futebol universitário : percepções sobre questões de preconceito e gênero / Claudia Silveira de Almeida. – 2023.
56 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Marcos Antônio Almeida Campos.

1. Gênero. 2. Preconceito. 3. Futebol feminino. I. Título.

CDD 790

CLAUDIA SILVEIRA DE ALMEIDA

O CORPO FEMININO NO FUTEBOL UNIVERSITÁRIO: PERCEPÇÕES SOBRE QUESTÕES DE PRECONCEITO E GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física, do Instituto de Educação Física e Esportes, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Aprovada em: 04/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Marcos Antônio Almeida Campos (Orientador)
Instituto de Educação Física e Esportes - UFC

_____

Prof. Dr. Otávio Nogueira Balzano
Instituto de Educação Física e Esportes - UFC

_____

Prof. Me. Gabriela Chaves Lucas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à Deus pela vida e por tudo que ele tem feito por mim. Agradeço imensamente aos meus pais: Claudio e Licia, por toda vida de dedicação, entrega e luta para que eu conseguisse atingir meus objetivos sem medir esforços para me ajudar. Em especial minha mãe, exemplo de mulher guerreira e forte, que deu todo apoio para decidir meu caminho, e o suporte necessário para seguir nele, além de todo amor e paciência. Ao meu irmão Leonardo, que apesar das brigas, sempre esteve ao meu lado nos melhores e piores momentos.

A minha namorada, Juliana Andrade, que me incentivou e esteve comigo nos melhores momentos, como também cuidou nos piores. Por tudo que és pra mim, por ser meu porto seguro, por sempre se oferecer para ajudar, e só tenho que agradecer por nossa cumplicidade que é raro de se ver.

Aos familiares sempre presentes, em especial, padrinhos Wania e Antônio por todo apoio durante a graduação.

Agradeço a minha vó Ailce, que sempre desejou o melhor pra mim e continua me protegendo. Além do meu avô José Waldir, que está no céu me protegendo e um segundo pai que me incentivou a sempre fazer o que amo.

Ao professor Marcos Campos, que não foi só um orientador, mas também um anjo da guarda. Sempre apaixonado e motivo por tudo que faz, sou grata por todos os ensinamentos, não só de cunho acadêmico, mas da vida. Obrigada por toda a ajuda nesse trabalho, a atenção dada desde o início e acreditar que eu conseguiria, não tenho palavras! E ao meu co-orientador Patrick que me ajudou bastante.

Aos professores da banca examinadora: Dr. Otávio Balzano e Me. Gabriela Chaves pela disponibilidade e as contribuições em meu trabalho, e claro dos exemplos que representam na minha vida acadêmica.

A todos os professores e funcionários do Instituto de Educação Física e Esportes que contribuíram para minha formação.

Agradeço em especial ao meu grupo “Bests” que me acolheram em meio a tantas alegrias e turbulências, nos incontáveis momentos para comemorar a vida e saber que posso contar em qualquer momento, como Vitória e Marieta enlouquecerem comigo nessa reta final.

As atletas da equipe do futsal feminino da UFC, que foram meu abrigo durante toda a minha graduação. Elas são razão da minha pesquisa, porque são meninas sensacionais, que expressam amizade, carinho e alegria, além do amor pelo futebol. Aprendi muito com elas nos treinos, jogos e viagens, e sempre serei grata por cada momento que passamos. Nesse tempo todo de graduação, tivemos muitas conquistas e é gratificante saber que fiz parte desse time incrível.

A todos da minha turma da universidade “cangaceiros”, que foram fundamentais para que chegasse até aqui, por todos os momentos inesquecíveis que compartilhamos juntos.

A todos os meus amigos que conquistei em cada lugar que trabalhei durante o curso, que colaboraram para o meu crescimento profissional e pessoal.

A vida vale a pena ser vivida!

RESUMO

O desporto é um espaço rico para impulsionar discussões sobre as questões de gênero, mas necessita de estudos que debatam de maneira mais aprofundada esses assuntos. Estamos muito à frente do tempo em que era proibido à prática do futebol feminino, porém são recorrentes as situações de preconceito e diferenças de oportunidades neste panorama. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar as percepções das atletas de futebol feminino da Universidade Federal do Ceará referente às questões do preconceito e gênero na modalidade. A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa do tipo descritiva, com utilização de entrevista semiestruturada, em que participaram 4 atletas da equipe feminina de futebol/futsal da Universidade Federal do Ceará. Os resultados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin, em que foram agrupadas em três temáticas: iniciação esportiva, preconceito e universidade. As entrevistas apresentam que ainda são recorrentes as dificuldades encontradas na iniciação do futebol feminino, no qual muitas meninas não tinham espaço para jogar na escola. Ainda persiste a prática comum em questionar a sexualidade simplesmente por praticarem a modalidade em questão e situações de preconceito por ser uma mulher que joga futebol. Em relação à Universidade, ela oferece recursos similares aos times, independente do gênero. Recomenda-se que mais estudos que discutam esse tema sejam executados no sentido de expandir o conhecimento a respeito das questões de preconceito e gênero que acompanham o futebol feminino.

Palavras-chave: gênero; preconceito; futebol feminino.

ABSTRACT

Sport is a rich space to promote discussions on gender issues, but it needs studies that discuss these issues in more depth. We are far ahead of the time when women's football was prohibited, but situations of prejudice and differences in opportunities are recurrent in this scenario. Thus, the objective of this work is to investigate the perceptions of female football athletes at the Federal University of Ceará regarding issues of prejudice and gender in the sport. This research has a qualitative, descriptive approach, using semi-structured interviews, in which four athletes from the women's football/futsal team at the Federal University of Ceará participated. The results were analyzed using Bardin's content analysis technique, in which they were grouped into three themes: sports initiation, prejudice and university. The interviews show that the difficulties encountered in starting women's football still recur, in which many girls did not have the space to play at school. The common practice of questioning sexuality simply because they practice the sport in question and situations of prejudice for being a woman who plays football still persists. Regarding the university, it offers similar resources to teams, regardless of gender. It is recommended that more studies discussing this topic be carried out in order to expand knowledge regarding issues of prejudice and gender that accompany women's football.

Keywords: gender; prejudice; women's football.

LISTA DE ABREVIAÇÕES

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CEU – Centro Esportivo Universitário

CONMEBOL –Confederação Sul-Americana de Futebol

FIFA – Federation International Football Association (Federação Internacional de Futebol Associado)

IFCE –Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

JUBS –Jogos Universitários Brasileiros

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFC – Universidade Federal do Ceará

UNIFOR –Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2.1 Objetivo Geral 13

2.2 Objetivos Específicos 13

3.1 Futebol feminino 14

3.1.1 Futebol universitário de mulheres 16

3.1.2 Futsal de mulheres 17

3.2 Iniciação Esportiva 17

3.3 Preconceito no Esporte 20

3.4 Questões de Gênero 22

4 METODOLOGIA 24

4.1 Tipologia da Pesquisa 24

4.2 Sujeitos 24

4.3 Procedimentos 25

4.4 Instrumentos 25

4.5 Análise de Dados 26

4.6 Cuidados éticos 26

5 RESULTADO E DISCUSSÃO 26

5.1 Iniciação esportiva 27

5.2 Preconceito 29

5.3 Universidade 31

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 33

REFERÊNCIAS 35

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO/CONVITE E CONSENTIMENTO ENVIADA AO COORDENADOR DA INSTITUIÇÃO 40

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE 41

APÊNDICE C– ENTREVISTA FUTEBOL FEMININO UFC.....42

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é considerado o país do futebol, mas não é excepcionalmente dos homens. Com o aumento da participação feminina no futebol, acumulando títulos e representando com eficiência em competições de nível nacional e internacional, cada vez mais meninas estão procurando esta prática esportiva.

Na ditadura estadonovista, a prática do futebol pelas meninas era proibida no Brasil. Não era permitido pelo governo praticar esse e outros esportes por não serem adequados à sua natureza de mulher, sendo a mulher considerada frágil, e a prática esportiva poderia impactar na maternidade, já que um esporte com contato físico era visto como violento (Teixeira; Caminha, 2013).

Depois de ser permitida a prática do futebol de mulheres, apareceram outras dificuldades para as praticantes. Um dessas foram os corpos das mulheres, que chamavam mais atenção do que a própria técnica do esporte, prejudicando o aumento da modalidade. Dado que, ao contemplar uma partida com as lindas mulheres jogando, a torcida duvidava da sua qualidade técnica, e no momento que a beleza era uma condição, deixava de lado a parte técnica (Jaeger, 2006).

Goellner (2005) apontou que a beleza e erotização dos corpos das jogadoras representariam uma forma de divulgar o futebol feminino, desse modo entrariam recursos a partir do aumento de patrocinadores na modalidade. Os clubes estão solicitando, que além de saber jogar bola, as jogadoras sejam bonitas, pelo motivo de a mídia informar que um dos grandes problemas é a falta de patrocinadores.

Goellner (2005) afirmou que era de notar as justificativas por qual o futebol ocorreu por ser visto como maléfico para o comportamento e desenvolvimento do corpo feminino. A apreensão de masculinizar as praticantes orienta-se, não somente nas alterações do seu caráter, mas, principalmente na sua aparência, que vai além dos estragos físicos que esse esporte poderia causar.

Apesar do lugar conquistado no século XXI, a participação feminina significa somente uma parte da discussão sobre a relação de gênero no esporte. É perceptível a diferença entre o comportamento dos meninos e meninas, e deve se trabalhar a questão de gênero nas aulas de Educação Física para, a partir disso, auxiliar os alunos a organizarem relações de gênero com igualdade, respeito às diferenças e ensinando o que cada ser humano tem de melhor. No que diz respeito ao futebol que se refere à identidade nacional, mostrar que este é o espaço também das mulheres e redefinir sentidos que estão introduzidos na sociedade (Balzano, 2020).

Os motivos que levaram a esse trabalho são a paixão pelo futebol, minha formação esportiva, o fato de jogar na equipe universitária de futebol da UFC e a possibilidade de poder pesquisar na área.

Os conhecimentos que serão alcançados com base no estudo desse tema serão pertinentes no que se refere a um aprendizado maior sobre o universo do futebol de mulheres, assim levar mais informações importantes principalmente para os profissionais dessa área e pais de atletas, proporcionando uma maior compreensão dos processos formativos e reflexivos dessas atletas.

As atletas da Universidade Federal do Ceará foram convidadas para dar auxílio neste estudo, por meio da entrevista semiestruturada, no qual planejamos entender um pouco sobre a história delas na modalidade. Essas meninas praticam futsal e futebol 7 society, porém o futebol representa por ambas serem oriundas dessa modalidade. O trabalho tem como objetivo central de investigar as percepções das atletas do futebol de mulheres da UFC sobre preconceito e gênero na modalidade. Por exemplo, se elas desde a infância escutam que futebol não é para mulher, além de comparar com a homossexualidade. Nesse sentido, a pergunta que norteia este estudo é quais as percepções das atletas do futebol de mulheres da UFC sobre preconceito e gênero na modalidade?

Com esse propósito, está organizado assim: na primeira parte o referencial teórico; começando descrevendo um pouco sobre a história do futebol de mulheres; análise sobre o preconceito no futebol de mulheres e a relação com o gênero. Na segunda parte, abordo sobre a metodologia empregada nesse presente estudo. Na terceira, comento a reflexão das entrevistas executadas, finalizando com as considerações finais.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Investigar as percepções das atletas do futebol de mulheres da Universidade Federal do Ceará sobre preconceito e gênero na modalidade.

2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar possíveis situações sofridas pelas participantes do estudo, sobre a questão do preconceito de gênero no futebol.

2. Analisar como as atletas do futebol de mulheres iniciaram no esporte e se identificaram alterações em seus corpos com a prática.

3. Verificar se a UFC ajuda ou não, às atletas do futebol de mulheres, em relação à estrutura para a prática das modalidades.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Futebol feminino

A inclusão da mulher no esporte sempre foi cercada de dificuldades, por ser difícil ultrapassar a barreira de uma sociedade em que o homem era um ser forte, com vários atributos físicos a mais que a mulher. Goellner (2005) aponta que as competições, suor excessivo, os músculos traçados e o esforço físico, por exemplo, quando têm relação com sexo feminino, geram suspeitas porque aparentava diminuir os limites das mulheres, tendo em vista que as mulheres são comumente comparadas a padrões ideais, os quais não contemplam as características citadas.

A história da mulher no futebol brasileiro é um reflexo de quatro possibilidades, em que a prática ocorria na praia e no campo, e logo depois passou também para o futebol society e futebol de salão, em razão da falta de equipes exclusivas em cada uma dessas manifestações, as mulheres circulavam entre as tais modalidades aparentadas entre si (Morel; Salles, 2005).

No início da ditadura militar, o Conselho Nacional de Desporto (CND) através da Resolução número 7/65, proibiu as mulheres de praticar lutas, futebol, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball. A proibição só foi revogada na década de 1980, e a partir desse avanço ocorreu à criação de departamentos de futebol feminino em diversos clubes do país, além do surgimento de equipes como a do Radar, do Rio de Janeiro. Apesar disso, as dificuldades culturais e materiais continuaram atrapalhando o desenvolvimento da modalidade. Visto que mesmo com a conquista do quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta (1996) e de Sydney (2000), ou o terceiro lugar na Copa do Mundo de 1999 não bastou para ter uma estrutura parecida com a do masculino (Franzini, 2005).

Na década de 1990, a expectativa era de consolidação da presença da mulher no futebol devido aos bons resultados nos campeonatos sul-americanos, nos Jogos Olímpicos, e também a implantação dos campeonatos mundiais pela Federação Internacional de Futebol Associação. Esses eventos apontavam que teria um maior interesse de empresas que patrocinassem o esporte, do público e da mídia. Porém, esse progresso não se confirmou, pois o

número de praticantes que aumentou não causou o interesse da mídia, um fator imprescindível para o crescimento e expansão do futebol feminino (Morel; Salles, 2005).

A mídia esportiva oferece pouca visibilidade ao futebol de mulheres[1] e quando faz, em geral, se refere mais à imagem e ao comportamento do que aos talentos das atletas, árbitras ou treinadoras. Um exemplo que podemos verificar na reportagem que o Jornal Zero Hora divulgou, no dia 11 de maio de 2005, sobre a auxiliar de arbitragem Ana Paula de Oliveira cuja sua competência vem sendo destaque pelos pares. A matéria intitulada "Uma celebridade do apito" evidencia os atributos físicos da árbitra em campo e, também, no 15º Encontro do Esporte, no qual foi bastante assediada pelos participantes em Porto Alegre (Goellner, 2005).

A Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) para adequar-se à nova realidade, em que a FIFA introduziu a paridade de gênero na regulamentação do futebol mundial, aprovou em 2016, no estatuto, mudanças para viabilizar a igualdade de gênero. Para obter a licença da confederação para disputar a Copa Sul-Americana ou Libertadores da América, as equipes do futebol masculino deveriam criar equipe de mulheres até 2019 ou associar a outro clube que tivesse essa categoria atuando em competições oficiais (Almeida, 2019).

De acordo com Almeida (2019), após muita pressão dos futebolistas, a FIFA implantou a igualdade de gênero no esporte e na tentativa de melhorar a imagem da instituição internacional diante dos escândalos provocados pelas denúncias de fraudes nas realizações da Copa do Mundo. Além da alta audiência da Copa do Mundo Feminina em 2015, que ajudou para ampliar a atenção sobre a modalidade.

Apesar de ter passado mais de quarenta anos do término de vigência da proibição do futebol feminino, ainda é possível observar que precisa de avanços em relação à estrutura, visibilidade e reconhecimento. Um relatório publicado pela FIFA em 2019 fundamenta essa afirmação. A partir de uma pesquisa com todas as federações associadas, apontou que nas categorias de base apenas 475 jogadoras com menos de 18 anos são registradas pelos clubes. O

[1] Nessa reflexão, destaca-se que o futebol feminino não pertence exclusivamente às mulheres, pois ele não é uma posse delas, e sua composição vai além do gênero feminino. No âmbito desse esporte, não só mulheres, mas também homens investem tempo, dinheiro e emoções. A proposta é entender o futebol como sendo "de" mulheres, pois essa prática adquire diversos significados, influenciada por condições materiais e sociais distintas que demandam adaptação e recriação. Assim, esse futebol não se encaixa em análises simplesmente adaptadas do futebol masculino (Kessler, 2015).

Brasil tem um número pequeno comparado com outros países. Por exemplo, a Argentina (27 mil), a Venezuela (24mil) e os Estados Unidos (9,5 milhões), enquanto no país têm 15 mil mulheres disputando campeonatos em algum nível (Mendonça, 2019).

3.1.1 Futebol universitário de mulheres

O desporto universitário pode ser definido como um desporto de formação, que visa o bem-estar do estudante universitário e sua função principal é social, além de impossível não atribuir a contribuição do desporto acadêmico para aproximação do ser humano, de seu relacionamento, do incentivo ao companheirismo e construção de novas lideranças (Coelho, 1984 apud Silva; Machado; Dias, 2014).

A definição do desporto universitário é instigante, pois os benefícios para o atleta vão além da quadra. A socialização entre os membros da equipe, o trabalho em grupo, a união, a liderança, podem ser fundamentais para sua carreira profissional. Percebem-se as relações de interação entre as pessoas e a apreensão com o bem-estar social sobrepondo à parte física, também gerada pelo esporte.

De acordo com Elias (1992), o esporte universitário surgiu na Inglaterra em escolas públicas, no século XIX, com o propósito de melhorar o controle do tempo livre dos adolescentes das classes dominantes e ascendentes. Com o tempo, a prática do esporte nas universidades foi evoluindo e é tratada de diversas formas, desde a utilização das atividades físicas como transformação social até a realização de eventos que atraem milhares de pessoas.

Antes de ser regulamento pelo estado, o esporte universitário era praticado dentro das universidades brasileiras. A partir de 1940, o esporte universitário começou a ser controlado pelo estado com regras a serem cumpridas com a finalidade de ser competitivo e organizado. Diante disso, o estado passa a enviar verbas públicas para os gastos dos atletas das equipes universitárias, passando a ter uma condição melhor de estrutura para os treinamentos e campeonatos (Mezzadri, 2000).

3.1.2 Futsal de mulheres

O futsal, assim como o futebol, é visto como um esporte masculinizado com características rudes e violentas, como também de força, velocidade e rigidez, enquanto a prática de esporte de mulheres relacionada aos padrões de beleza e sutileza. Apesar das barreiras, não se pode concluir que todas as mulheres tenham abandonado a prática da modalidade contraindicada para seu sexo, persistiam na prática de maneira informal até que fosse autorizada sua participação (Nascimento; Leite, 2021).

Embora o Brasil seja um dos maiores nomes do futsal, diferente do futebol, o esporte luta por uma maior visibilidade, condições e incentivos. O futsal caminha num sentido modesto, afastado dos holofotes que ocasionam contratos milionários e honrarias para os atletas, tenta ocupar alguns espaços, como o esporte olímpico (Silva e Nazario, 2018). Além disso, o futsal pode ser considerado um esporte de prática recente dentro do contexto universitário, já que surgiu no século passado. E verificando a modalidade feminina universitária, esse dado ainda é mais significativo (Montenegro e Balzano, 2014).

Há um longo caminho para percorrer, ainda mais para a maioria das mulheres atletas, que a prática do futsal tem sido precária. Conforme Kessler (2010), a organização do futsal feminino data no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, e a primeira seleção brasileira foi composta nos anos 2000. Vale destacar que os homens há mais de trinta anos já disputavam campeonatos internacionais e a seleção brasileira masculina já era uma realidade.

3.2 Iniciação Esportiva

Segundo Barbanti (1979), a iniciação esportiva representa a fase inicial de qualquer programa de treinamento esportivo, caracterizada por uma preparação generalizada que possibilita às crianças adquirirem experiências motoras em diversas atividades. O autor destaca que o início desse processo é ideal por volta dos 8 a 9 anos de idade, visando criar as condições necessárias para alcançar resultados esportivos expressivos na fase adulta.

De acordo com Balbino (2001), o propósito da iniciação esportiva é preparar a criança para se tornar um potencial atleta de alto rendimento na vida adulta, embora esse objetivo se aplique a uma parcela pequena daqueles que iniciam no esporte. Em contrapartida, de acordo

com as ideias expressas por Santana (1998), a iniciação esportiva se caracteriza pela participação regular e orientada em uma ou mais modalidades esportivas, visando promover o desenvolvimento integral da criança, sem necessariamente envolver competições regulares.

Apesar das divergências nas denominações encontradas na literatura, Vidal (2006) define a iniciação esportiva como uma atividade física que proporciona ao indivíduo diversas oportunidades motoras e experiências no processo de aprendizagem de uma ampla variedade de jogos e modalidades esportivas. O objetivo é desenvolver as capacidades e habilidades humanas em dimensões motoras, culturais, sociais, cognitivas e afetivas.

Seguindo na mesma linha, Weineck (2005) cita que é fundamental compreender que crianças e adolescentes não são simplesmente "adultos em miniatura", e suas atividades esportivas não devem refletir um "programa reduzido de treinamento para adultos". Por sua vez, Ferreira (2001) define a iniciação esportiva como o primeiro contato da criança com o esporte, ressaltando a importância de introduzir gradualmente os fundamentos, princípios, características, regras e movimentações, adaptando-os ao nível de capacidade de uma criança que está iniciando um novo processo.

Todt (2007) destaca a relevância do esporte na vida social do indivíduo, ressaltando que a prática esportiva desempenha um papel significativo nos processos de desenvolvimento desde a infância. O autor enfatiza que preparar os jovens durante a iniciação esportiva é uma etapa complexa, intrinsecamente ligada à atenção às relações interpessoais. Essa perspectiva encontra respaldo na abrangência do esporte, que engloba diversos aspectos e níveis passíveis de análise e investigação, tais como objetivos, jogos, comunicação em grupo, funções relacionadas aos treinos, tipos de vínculos entre jogadores e familiares, assim como a interação com torcedores e a experiência dentro das instituições esportivas, entre outros elementos.

Acreditamos que a iniciação nos jogos desportivos coletivos deve ser compreendida pelos agentes esportivos, como um processo que se inicia assim que as crianças têm suas primeiras vivências com os jogos, estendendo-se até o final dos quatorze anos. Nesse ponto, torna-se crucial a especialização em uma modalidade, especialmente quando o objetivo é a formação do atleta. Essa etapa, denominada de iniciação esportiva, deve ser estruturada em fases, com sua constituição baseada nas experiências dos praticantes, integrada a um projeto

pedagógico que abranja o ensino de habilidades e o desenvolvimento de capacidades motoras de maneira diversificada e motivadora. É fundamental oportunizar a participação e a aprendizagem do maior número possível de praticantes, principalmente nas agências formais de ensino. Isso deve ocorrer com base no método de jogo, respeitando a especificidade de cada modalidade praticada por crianças e adolescentes, visando proporcionar um desenvolvimento ótimo da aprendizagem motora. Essa abordagem estabelece as bases para futuras especializações nas modalidades escolhidas pelos próprios praticantes (De Oliveira e Paes, 2004).

A importância da relação entre pais e filhos se destaca de maneira evidente no contexto da iniciação esportiva. O papel da família também influencia na reprodução de crenças e valores sociais pela criança, incluindo questões como preconceito e desigualdade de gênero. Infelizmente, é comum observar situações em que pais ou mães expressam a suas filhas a ideia de que o futebol não é adequado para mulheres, argumentando que se trata de uma prática violenta que demanda força e resistência física, embora isso não devesse ser uma barreira (Freitas; Bazhuni; Lima, 2023).

Dentro do ambiente escolar, as aulas de educação física se destacam como o principal espaço de aprendizagem e vivência do futebol, evidenciando sua relevância nesse contexto. Contudo, é crucial notar que o ponto de partida para a formação das jogadoras de futsal não se encontra na escola, nas aulas de educação física ou em escolas de futebol. A trajetória das atletas como jogadoras de futebol se estabelece por meio de práticas informais na rua, no bairro, no quintal, na companhia de meninos, que podem ser irmãos, amigos, vizinhos ou primos. A iniciação esportiva das principais atletas de futsal em países sul-americanos ocorre de maneira não institucional, informal e sem intervenção especializada (Altmann e Reis, 2013).

Conforme observado por Almeida-Silva e Ribeiro (2022), a persistência do preconceito e da discriminação no futebol/futsal feminino é evidente nos dias atuais. Essas atitudes discriminatórias são notadas, inclusive, dentro do ambiente escolar, onde a iniciação das meninas no futebol é prejudicada devido à imposição dos meninos. Além disso, destaca-se que a iniciação enfrenta dificuldades em outros contextos devido à escassez de espaços e à falta de estímulo por parte da sociedade em relação à prática esportiva feminina.

De acordo com as reflexões de Daolio e Marques (2003), enfatiza-se que o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem não deve se restringir a ser apenas um reprodutor de movimentos. Pelo contrário, o professor é visto como um facilitador que auxilia o aluno não apenas na aquisição de habilidades motoras, mas também na assimilação de valores sociais, éticos e morais. Essa abordagem ocorre por meio de um mecanismo que é considerado uma "paixão nacional".

3.3 Preconceito no Esporte

O preconceito de gênero pode ser interpretado como uma visão falsa e/ou incompleta da circunstância que lhe é exposta, gerando uma imagem distorcida e/ou contrária dos padrões que a sociedade exige, tendo o constrangimento de todo indivíduo que não cumprir o papel que seu gênero de origem pede. Usualmente incorporado, o preconceito é o reprodutor mais eficaz da discriminação[2] e da exclusão (Ferreira et al., 2019).

As mulheres eram julgadas por serem incapazes de se adequarem às inúmeras dificuldades do “esporte-rei”, em que o mito do sexo frágil foi um movimento forte contrário à prática desportiva feminina do futebol. Para isso, usaram de propagandas e leis com o objetivo de desacreditar o futebol, como sendo inadequado à delicadeza (Franzini, 2005).

O futebol de mulheres ainda sofre preconceito, pelas meninas que praticam ainda serem discriminadas e perante a sociedade têm sua sexualidade questionada. No entanto, por essa modalidade feminina ser associada à lesbianidade, esse espaço esportivo pode-se tornar um ambiente de apoio, em que viver e expressar a sexualidade sejam atos que possam ser compartilhados entre mulheres que possam sentir e viver seus desejos de forma livre. Foi observado que o respeito prevalece independentemente da orientação sexual das jogadoras, assim não interferindo na relação delas dentro de campo e/ou quadra (Da Rosa et al.,2020).

Baggio (2012, apud Balzano, 2020) comenta que além das inúmeras dificuldades pertinentes para a construção de uma carreira bem sucedida, as mulheres ainda têm que enfrentar

[2] A discriminação é frequentemente interpretada como uma resposta comportamental resultante de atitudes negativas, sendo equiparada, em certa medida, à teoria do estigma ou preconceito, conforme descrito na literatura. A concepção popular sugere que tanto o estigma quanto o preconceito são considerados teoricamente, enquanto a discriminação é percebida como a manifestação prática desses fenômenos (Parker, 2013).

o preconceito e o assédio existentes. Quando se trata do mundo esportivo, essa realidade é mais acentuada. O futebol ainda é um meio predominantemente dominado pelos homens, em que ocupa a maior cobertura pela mídia. Para seguir uma carreira no jornalismo esportivo, as mulheres sofrem preconceito pelos veículos de comunicação como também pelo público. Diversos homens não têm uma visão boa da presença das mulheres na cobertura esportiva, pelo motivo de achar que elas não sabem do assunto, ou por não querer no mesmo espaço.

Apesar de o futebol ser um esporte nacional, ainda é pequeno o número de mulheres que trabalham no futebol profissional. Esse assunto não tem tanta visibilidade pela mídia, sendo que se inicia na estrutura do futebol feminino, com a ausência de mulheres para ocupar cargos de comando de federações estaduais, na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), na FIFA, na arbitragem, nas diretorias dos clubes, portanto em tudo que envolve a modalidade. Foi observado que praticamente para a mulher trabalhar nesse espaço, tem que ser muito diferenciada na profissão (Balzano; Munsberg; Silva, 2022).

Segundo Oliveira (2008), o incentivo da família é imprescindível no desenvolvimento de qualquer prática esportiva, e quando se aborda uma modalidade em que as praticantes são vistas de forma diferente pela sociedade, seu papel se torna de apoio ou barreira, devido que é difícil permanecer praticando o futsal se tem o pensamento preconceituoso dentro da própria casa.

Em todos os espaços da sociedade o preconceito está instaurado, inclusive na universidade que deveria ser um espaço democrático de liberdade, respeito e diversidade. No futebol feminino sempre existiu o preconceito, em uns locais é sutil e outros bem evidentes. Foi identificado que nas aulas práticas de futebol na universidade, normalmente só pratica as que têm condições técnicas, e as outras não participam por haver uma sutileza em preservar já que não seriam beneficiadas (Balzano; Munsberg; Silva, 2022).

O estudo da Rosa et al.(2020) poderá dar contribuição para que a área de Educação Física potencialize o surgimento de novas ideias e práticas, levando em consideração os atos da discriminação e os preconceitos partem da sociedade como também de familiares e até das próprias jogadoras.

3.4 Questões de Gênero

Conforme Marinês dos Santos (2018), “gênero” é compreendido como um conjunto de significados culturais atribuídos em construção no que se refere às diferenças entre homens e mulheres, que estabelece no tempo e espaço. Butler (2019) cita que os corpos são modificados em gêneros por uma cadeia de atos que são renovados, revisados e consolidados através do tempo, pois se delimitam pela construção histórica e cultural.

As colaborações de Simone de Beauvoir na chamada obra “O Segundo Sexo” são imprescindíveis para se ter uma melhor compreensão da dimensão gênero, se desfazendo de apenas um corpo. Ela diz:

> “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.” (Beauvoir, 1967, p. 09).

Compreender as lógicas das relações no que se refere ao preconceito e à discriminação no futebol amador para mulheres torna-se indispensável diante dos debates atuais, quando pensamos em gênero, mulher e esporte, pois é a partir desses debates que proporcionam diversos questionamentos, desde a capacidade da mulher jogadora de futebol até suas relações de sexualidade (Da Rosa et al., 2020).

É comum presenciar várias situações propiciando uma Educação Física que não é inclusiva e ouvir “brincadeira ou jogo de menino e menina”. A fase escolar é um dos principais períodos de desigualdades de gênero no que diz respeito a oportunidades de vivências/experiências de meninas em esportes dentro e fora da escola, em que tais situações excludentes, muitas meninas acabam não querendo participar das aulas e assim não sendo um ambiente propício (Da Rosa et al.,2020).

Os esportes continuam sendo classificados em termo de gênero, incluindo os que foram mudados para ‘unissex’, quanto os que são vistos como masculinos para as mulheres. Na atualidade, o mundo do esporte tem, em parte, integrado a luta das mulheres para se apoderar de espaços presentes e/ou para a criação de novos (Adelman, 2003).

Dessa forma, podemos inferir que o preconceito se evidencia quando a imposição da normatividade da sexualidade é desconsiderada, ou seja, quando as expectativas pré-concebidas sobre cada gênero são violadas, desencadeando processos de repressão e proibição associados ao que é considerado como anormal (Teixeira e Caminha, 2013).

Neste contexto, é possível inferir que o gênero desempenha um papel fundamental nas restrições que são impostas à orientação da vida sexual. As pessoas constroem suas identidades sexuais com base nas maneiras como vivenciam sua sexualidade, seja com parceiros do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou mesmo sem parceiros (Moreira, 2007).

A jogadora Marta Vieira da Silva foi um divisor de águas no futebol feminino. É um tema bem atual a partir do fenômeno Marta, pautar as questões de gênero dentro do futebol, com uma mudança de olhar em relação à participação das mulheres na modalidade, levando em consideração as conquistas alcançadas dentro do futebol feminino e a necessidade de equiparar com o futebol masculino (Da Rosa et al.,2020).

Mesmo com avanços significativos da presença das mulheres no campo esportivo, elas ainda enfrentam dificuldades comparadas ao masculino, com a grande diferença entre os salários e premiações, além da insistência dos preconceitos e estereótipos. Todavia, em um espaço que é majoritariamente masculino, merece uma atenção pelo fato de refletir nas lutas e reivindicações femininas por reconhecimento de sua extensa possibilidade de participação social (Melo, 2007).

Um estudo de Collins e Bilge (2021) relata uma discussão sobre a Copa do Mundo que é organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). O futebol é um lucrativo negócio, mesmo que a categoria gênero tenha uma enorme responsabilidade da desigualdade entre o futebol masculino e feminino, indicada pelos benefícios financeiros oferecidos a uma pequena parcela dos atletas de elite comparados com o restante, não é o único motivo quando analisamos as oportunidades desse esporte. Aponta como as relações de poder, de raça, gênero, classe, nação e sexualidade organizam também essa prática, privilegiando os que têm o nível de apoio necessário e os tipos de experiências diferentes.

Nessa área pública global, o gerenciamento de identidades de masculinidade e feminilidade alcança mais importância, como o gênero sendo uma divisão social fundamentada na vida cotidiana. As mulheres encararam uma batalha dura para praticar esportes, ter uma equiparação com o masculino e conseguir em alto nível, independente do esporte. Atletas homens e mulheres da FIFA podem ter o mesmo talento e defender os mesmos valores, porém as normas de heteronormatividade estão relacionadas às práticas disciplinares que envolvem as decisões individuais sobre a identidade que revelam tanto nas interações sociais no cotidiano como a imagem do atleta. (Collins; Bilge, 2021).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipologia da Pesquisa

No presente estudo será utilizada a abordagem da pesquisa qualitativa do tipo descritivo. Segundo Minayo (2011), a pesquisa qualitativa não tem a preocupação em fazer generalizações de estatística, ela responde questões muito particulares, e trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Correspondendo a um local mais profundo das relações, dos processos e fenômenos.

Conforme Flick (2008), a pesquisa qualitativa não possui um só conceito e metodologia que são agrupados, parte de um ponto de vista subjetivo. A comunicação do pesquisador que vai interagir e recolher informações do meio é visto como uma parte essencial da formação de conhecimento, além de poder analisar de diferentes perspectivas.

4.2 Sujeitos

Foram participantes da pesquisa as atletas da equipe feminina de futebol da Universidade Federal do Ceará (UFC), de Fortaleza, e entrevistadas (4) quatro atletas. Todas as atletas tiveram que assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B), em que foi esclarecido sobre a pesquisa. O TCLE foi entregue as participantes antes da aplicação do questionário, onde foi informado a não obrigatoriedade da participação da pesquisa. O critério de inclusão foi jogar mais de (5) cinco anos no time.

As participantes foram nomeadas com o nome atleta e um número de identificação, e qualquer informação individual adquirida durante esse estudo foi totalmente sigilosa; portanto, não foi utilizado o nome das voluntárias.

4.3 Procedimentos

Primeiramente, foi feito um estudo bibliográfico para apoiar e fundamentar cientificamente a pesquisa. O segundo momento, depois da aceitação do projeto pela banca examinadora, ocorreu uma conversa com o coordenador do Departamento de Desporto Universitário para requisitar a execução do trabalho de conclusão de curso, no local de treinamento da equipe.

Diante dessa circunstância, houve um dia com o coordenador para entregar a carta de apresentação e objetivo da pesquisa (APÊNDICE A). Logo após a validação para a execução do trabalho, seguimos para a terceira parte, que foi definir um dia para entregar o termo de compromisso livre e esclarecido (TCLE) para as atletas.

Depois da aprovação das atletas, considerando a entrega do TCLE e assinado, foi aplicada a entrevista com as atletas, em seguida a transcrição das entrevistas pela autora e a análise delas.

4.4 Instrumentos

O instrumento foi à entrevista semiestruturada (APÊNDICE C), em que foi aplicado no centro de treinamento universitário, localizado na quadra do Centro Esportivo Universitário (CEU). Segundo Minayo (2011), a entrevista é o procedimento mais regular utilizado no trabalho de campo. A conversa entre o pesquisador e o ator social não é desenvolvida sendo neutra, pelo motivo de serem fundamentadas nos relatos que são coletadas as informações a partir de um tema científico.

Na condução das entrevistas, foi adotado um conjunto de oito (8) perguntas, proporcionando uma base sólida para a exploração dos fundamentos essenciais deste estudo. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas, por meio do aparelho celular da marca Apple (modelo Iphone 11).

As gravações foram transcritas. Nascimento e Afonso (2013) caracterizam a transcrição como um procedimento que envolve uma abordagem mais informal, abrangendo palavras e expressões apresentadas incorretamente. Esse processo incorpora elementos como falas interrompidas, repetições, tanto por parte do entrevistador quanto devido à qualidade da gravação, além da inclusão de estrangeirismos e mídias.

4.5 Análise de Dados

A partir da coleta das entrevistas semiestruturadas e gravadas, foi realizada a análise de conteúdo de Bardin. A análise das informações coletadas acompanha um processo com fases bem definidas por Bardin (2011): pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados.

A análise de conteúdo englobou três etapas. Na primeira, ocorreu a organização do material, em que foram marcados os trechos mais relevantes. Na segunda, tiveram diversas leituras e destacaram-se os temas mais significativos, como iniciação esportiva, preconceito e universidade. Por fim, as entrevistas foram sendo comparadas a outras pesquisas publicadas, no qual realizou-se a comparação das falas das atletas entrevistadas com a literatura.

4.6 Cuidados éticos

O presente estudo respeitará as diretrizes estabelecidas de acordo com a Resolução nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde, em que deve ser considerada ética atendendo a autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade (De Mello Pinto, 2011). As participantes do estudo receberão um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B), abrangendo as informações essenciais acerca dos objetivos e procedimentos do estudo.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Nesse capítulo, apresentam-se as três categorias temáticas que apareceram após a análise de dados. Essas categorias responderam adequadamente aos objetivos da pesquisa, levando assim considerações e informações importantes a serem discutidos. Na categoria intitulada “Iniciação esportiva” será relatado e descrito como iniciou a prática no esporte, se teve alguma dificuldade e a percepção de mudança corporal com a prática.

Na segunda categoria denominada “Preconceito” são relatadas as situações de preconceito sofridas por ser uma mulher que joga futebol, a respeito da influência do esporte na orientação sexual, e a aceitação da família e amigos. O “contexto universitário” é a última categoria, em que vai dialogar sobre os incentivos que a Universidade Federal do Ceará possibilita para as atletas de futebol, além do tratamento entre a equipe masculina e feminina.

5.1 Iniciação esportiva

As meninas não possuem incentivo para o esporte durante a infância, na maior parte dos casos não jogam bola, não correm; ou seja, não realizam quando pequenas quaisquer atividades que beneficiaria sua inserção no esporte. Só observar as formas de brincadeiras que ocorrem na infância feminina, fazendo com que a sociedade as identifique como fracas e inaptas ao esporte, especialmente no futebol. Não é o futebol em si que está errado, mas o modo como ele vem sendo desenvolvido por alguns professores na Educação Física. (Viana, 2008).

Considerando o número de quatro atletas entrevistadas, três delas responderam terem iniciado a sua prática de maneira não sistemática na escola e/ou na rua. Nessa pesquisa elas terão seus nomes preservados de acordo com o termo assinado, assim serão substituídos por números. Observemos o que dizem:

> “Eu comecei a jogar no intervalo da escola. Na época tinha um dia na semana pra jogar, e aí eu comecei a jogar com os meninos, futsal nessa época.” (Atleta 3).

> “A minha prática foi na rua mesmo, principalmente no futebol, foi jogando entre os meninos, principalmente. Na verdade, não tinha nenhuma menina.” (Atleta 4).

Segundo Furlan e Santos (2009), nas aulas de Educação Física as ações de exclusão se intensificam tendo em vista que o conteúdo central é o esporte, pois ele traz no seu contexto histórico, a problematização de gênero confirmando os preconceitos estabelecidos da participação da mulher nas aulas.

Ao expor como deu o início da prática do futebol, foi verificado uma informação considerável para a Educação Física, pois das quatro atletas entrevistadas, apenas uma delas relatou ter iniciado o contato com o futebol através das aulas de Educação Física.

> “Foi desde fundamental 1, que já tinha educação física. E aí tinha o futsal e eu jogava, né? Que eu era obrigada, mas eu gostava mesmo...” (Atleta 4).

Ainda se referindo sobre o início de sua prática, as atletas contaram que jogavam fora da aula de Educação Física, e predominantemente entre os meninos. Entretanto, nos relatos a seguir, constata a dificuldade de praticar esse esporte de algumas delas, como demonstram as falas:

> "[...] foi uma dificuldade financeira, mas também teve questões de preconceito, porque durante toda minha prática na escola sempre tinha muito um pré-julgamento..." (Atleta 2).

> "[...] a dificuldade que tinha era mais relacionada com a quantidade de meninas que jogavam na época. Era muito pouco, né? Então eu tinha que acabar jogando com os meninos, praticamente." (Atleta 3).

Os impedimentos da prática do futsal feminino começam durante o processo de iniciação na modalidade, de modo geral são tardios e normalmente sem apoio familiar como do próprio grupo que estão inseridos, por abordar um esporte de contato físico e culturalmente reconhecidos como sendo o gênero masculino (Stefanon; Silva, 2013).

Os professores de Educação Física veem tanto essas práticas de exclusão, que em vez de argumentá-las, acabam por contribuir para o crescimento do cenário de rejeição do sexo feminino no ambiente esportivo. Quando dividem meninos das meninas nas aulas de Educação Física e outros fatos, estão admitindo que essas segregações remetem o futebol como quase uma exclusividade dos homens (Goellner, 2005). Dentre as entrevistadas, uma delas afirmou não ter espaço para jogar futebol quando a professora chega como aponta:

> "[...] até o momento que tinha bola eu tava ali jogando, a partir do momento que chegava à professora com o material da escola, os meninos pegavam a bola da escola e automaticamente eu saía, eles me tiravam meio que assim mesmo."(Atleta 4).

Ainda de acordo com o relato, as meninas perceberam a mudança corporal ainda por meio da prática do esporte, e interferindo positivamente na sua vida conforme algumas delas descrevem:

> "O futsal enalteceu muito mais, não tenho treino regular na academia, mas eu treino futsal e tal, e eu tenho uma perna que todo mundo vê e diz que é definida." (Atleta 1).

> "[...] eu era uma criança bem gordinha, e com a prática do futsal, foi uma forma de eu me exercitar e tal, e eu consegui emagrecer." (Atleta 2).

> "Eu era bem magra, ao ponto de, às vezes, sofrer bullying por conta disso. Então, nesse sentido, acrescentou muito na minha vida, né? No sentido de saúde também, de estética." (Atleta 3).

Os relatos não apontam que o corpo das atletas desenvolveu características atreladas ao sexo masculino. Segundo Goellner (2005), ainda existe uma associação entre o esporte e a masculinização da mulher, visto que há uma forte apologia da necessidade de preservar o ideal de beleza feminina. Tal fato contribui para que haja o afastamento de muitas meninas da prática de esportes no ambiente escolar, devido principalmente à proibição por parte do ambiente familiar.

5.2 Preconceito

Embora o futebol brasileiro tenha deixado de ser o foco de interdição, seu desenvolvimento continua sendo um desafio. A grande parte dos preconceitos que ele continua encarando, muito possivelmente, tem relação com os 30 anos de proibição e reprovação que ajudaram na construção de uma moral sexista baseada no discurso de que mulher não combina com futebol (Rigo et al.,2008).

Foi perguntado para as atletas como era aceitação da família e amigos em relação a ser uma mulher que joga futebol, todas as atletas disseram que receberam total apoio da família, porém uma atleta destacou que a mãe tinha certo preconceito, como ela relata:

> "Minha mãe tinha esses medos, esses preconceitos que eu falei, mas ela sempre gostou." (Atleta 2).

O bom desenvolvimento do atleta se deve, constantemente, ao encorajamento da família, atribuição de valores, além do suporte psicológico durante toda a carreira. Sendo assim a família é o primeiro ambiente social no qual os atletas desenvolvem sua identidade, autoestima e motivação para ter sucesso no esporte (Vilani; Samulski, 2002).

O apoio da família é imprescindível no crescimento e desenvolvimento de qualquer modalidade esportiva, ainda mais quando aborda de uma modalidade onde as praticantes não são bem-vistas pela sociedade, seu dever é de apoio já que fica mais difícil ainda jogar futebol se existe o discurso de preconceito dentro da própria casa.

Diante de tanto preconceito, o futebol abrange aflição e olhares de dúvida em relação as meninas e sua sexualidade. Perante isso, as entrevistadas foram questionadas se o futebol influencia de alguma forma na sua orientação sexual. O resultado foi bastante significativo, com 100% das atletas afirmando que não.

E quando questionadas sobre sua opinião se influencia na orientação sexual de menina/mulher, o resultado foi igualmente expressivo, no qual 100% das atletas disseram que não influencia.

> "Não, acho que o esporte é um reflexo da sociedade que a gente vive, né? De todas as experiências que a gente tem fora dele e aí a gente leva pra dentro dele."(Atleta 1).
>
> "Não, eu acho que a personalidade da pessoa influencia na orientação sexual que ela quer seguir." (Atleta 2).
>
> "Não, eu acho que talvez influencie as pessoas a se descobrirem." (Atleta 3).

De acordo com Viana (2008), a mulher e o futebol passaram a ter caminhos opostos dentro da sociedade em razão da cultura brasileira; caminhos trilhados e enraizados pelo machismo. Dessa forma, nos deparamos com várias interrogações acerca da prática do futebol, todavia, não são apenas interrogações que aparecem, porém afirmações em torno deste mesmo assunto surgem e logo permanecem como verdades absolutas dentro do contexto sociocultural.

Observamos ideias ligadas a homossexualidade e a feminilidade no esporte feminino, especificamente no futebol e isso não é raro. Torna-se lésbica ou menos feminina que as demais mulheres que não praticam esse esporte, por vestir calções, ter cabelos curtos ao invés de longos, calçar chuteiras ao invés de sapatilhas, ter hematomas e manchas nas pernas? (Viana, 2008).

Diante desse fato, foram perguntadas as atletas se foi possível notar revelações de preconceito por jogarem futebol. Quando três disseram que sim, observou-se que o preconceito é um elemento presente nas quadras e fora para essas mulheres, mesmo levando em consideração a ascensão do esporte com relação à divulgação e a mídia diante das grandes conquistas femininas.

Houve semelhança nas respostas visto que a maioria reconheceu o preconceito, e no momento de relatar as situações, afirmaram e descreveram as situações em que foram discriminadas:

> "Sim, já me chamaram de sapatão. [...] e isso ela falou justamente porque eu tinha acabado de sair do treino de futsal." (Atleta 2).
>
> "Ah, eu já notei, principalmente quando eu era mais nova, como eu falei que tinha essa resistência, principalmente das mães das meninas, que eu percebi olhares, às vezes elas falavam algumas coisas, tipo que eu parecia, assim, entre aspas, que eu parecia macho e tudo mais." (Atleta 3).

> "Então, aquele olhar na sociedade pra ver uma mulher com a roupa bem grandona, ah, ali é um machão, entendeu? Você escuta muito isso. Pelo menos eu escutava muita época, olha aí, essa mulher é um macho todinha..." (Atleta 4).

Apenas uma atleta manifestou não ter sofrido nenhum preconceito, porém relatou que já percebeu com outras atletas.

> "Contra mim, especificamente, não percebi, mas eu já percebi com outras pessoas, com colegas, já escutei relatos e tal, principalmente dentro da própria família esse preconceito, né?" (Atleta 1)

A partir da análise das respostas, notaram-se palavras presentes na grande parte dos discursos: "sapatão", "macho" e "comentários". Estes termos expõem as ofensas através dos estereótipos, e normalmente, de que maneira são efetuadas essas agressões.

O que se pode observar é que, a educação que meninos e meninas tiveram antes de inserirem na escola, retrata amplamente nas aulas de Educação Física com discriminações e preconceitos de gênero e sexualidade. Além do mais, a participação feminina no esporte gera inquietude e questionamentos quando elas são protagonistas das modalidades esportivas determinadas culturalmente como masculinas (Viana, 2008).

5.3 Universidade

Segundo Montenegro e Balzano (2012), são perceptíveis as diferenças entre a equipe privada e pública de futsal feminino universitário do Ceará. A particular possui peso e relevância nacional com o estímulo de iniciativas privadas, com aproximação ao conceito de esporte de rendimento. Enquanto a pública, que seus recursos são provenientes do governo federal, e está mais afastada da profissionalização visto que a maioria das atletas tem ocupações além de jogar futebol e estudar.

Quando foram indagadas sobre a diferença de incentivo ofertado no masculino e feminino no contexto universitário, todas as atletas relataram que em relação à Universidade Federal do Ceará não existe, conforme apresentam:

> "Eu acho que na nossa realidade, no UFC, a gente tem a sorte de ter a coordenação de esporte que sempre chega junto, entendeu? "(Atleta 1).

> "Eu acredito que dentro da Universidade Federal do Ceará, essa igualdade, não é nem equidade, realmente igualdade existe. Eu acredito que a gente nunca deixou de participar de uma competição que o time masculino participou. O investimento sempre foi o

> mesmo. Se um atleta do masculino recebia mil reais de ajuda de custo, o atleta do feminino recebia mil reais de ajuda de custo.” (Atleta 2).
>
> “No contexto atual que a gente vivencia aqui na UFC, eu não consigo perceber diferenciação nesse sentido.” (Atleta 3).

Podemos perceber com as entrevistas que as atletas possuem incentivos semelhantes ao time masculino para participar de competições esportivas, porém duas atletas citaram que notam que não é a mesma coisa em relação às outras universidades.

> “Só que ao mesmo tempo eu percebo, quando a gente vai para competições universitárias, a diferença da quantidade de times femininos e times masculinos.” (Atleta 1).
>
> “Na UFC, não. Mas em outras universidades a gente vê muito. Assim, um nível bem absurdo mesmo.’’ (Atleta 3).

As instituições investem uma diversidade de atividades de extensão, as quais são realizadas por meio de projetos com prazos previamente definidos para início e conclusão. A continuidade desses projetos fica sujeita à disposição dos docentes responsáveis ou à atualização dos órgãos competentes. Essas iniciativas são referidas como “políticas de atividade” (Zigoni, 1998). Isso mostra que as instituições públicas não incentivam como deveriam, e de acordo com as respostas das atletas acaba sendo uma exceção na UFC.

A contribuição da política esportiva da UFC é nítida e reconhecida pelas atletas, visto que no site do desporto apresenta que os estudantes que desejam aprimorar suas habilidades esportivas ao longo de sua jornada acadêmica, com o propósito de enriquecer sua formação por meio do esporte de rendimento, encontram nas seleções da UFC um ambiente propício para atingir esse objetivo.

Refletirmos sobre essa política que utiliza o esporte como ferramenta para uma proposta de inclusão social é de extrema relevância. A instituição deve ser além de preparar os alunos para as carreiras de base científica e técnica, ter o compromisso de proporcionar incentivos para a prática de esporte e atividades de lazer. Além da prática do futebol feminino, a universidade não pode esquecer-se de pregar os valores que orientam o comportamento humano e tornam um local agradável para o desenvolvimento social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a investigar as percepções das atletas do futebol das mulheres da Universidade Federal do Ceará sobre preconceito e gênero na modalidade. Desde o início com a sensação de alegria por estar contribuindo para a sociedade, e certa sensação de dor no peito por ainda lidar com essa realidade, que não foi solucionada, no qual muitas meninas sofrem preconceitos por apenas querer jogar bola.

Ao analisar como aconteceu a iniciação das atletas no futebol, conclui-se que elas em geral tiveram a prática de maneira não sistemática na escola e/ou na rua, com um professor de Educação Física da escola não sendo um incentivador na infância. Seria essencial que nesse ambiente as meninas tivessem desde cedo as mesmas possibilidades de esporte dos meninos. Dessa forma, poderiam mais cedo ter contato com o esporte, chegando à fase adulta mais experiente com a modalidade.

Quanto à análise das situações sofridas pelas atletas, infelizmente é perceptível a quantidade de relatos que envolvem o preconceito, que normalmente ocorre a partir de um estereótipo da mulher que pratica futebol como sendo masculinizada, além de geralmente questionar a respeito da sexualidade.

Por último, as informações apresentadas pelas atletas em relação à universidade, em suma os incentivos são similares aos times, independente do gênero. Elas ressaltam que não há distinção, porém comparando com as outras universidades ocorre uma grande diferença entre o time masculino e feminino.

Acredito que esta pesquisa conseguiu em geral alcançar os objetivos pré-estabelecidos, podendo confirmar que se expandiu a compreensão de vários pontos em relação à equipe do futebol feminino. Foi possível entender melhor o caminho que foi percorrido pelas atletas até chegar atualmente, e analisar quais as dificuldades encontradas nesse percurso. Além de trazer mais informações importantes principalmente para os profissionais da área e pais das atletas, proporcionando uma maior compreensão dos processos formativos e reflexivos dessas atletas.

Recomenda-se que mais estudos que discutam esse tema sejam executados no sentido de expandir o conhecimento a respeito das questões de preconceito e gênero que acompanham o futebol feminino, assim como para o professor em formação, seja inicial ou continuada, refletir o espaço de mudança de paradigmas nas aulas de educação física escolar, sem a reprodução de preconceitos e discriminações, propiciando respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: ressignificações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003.

ALMEIDA, Caroline Soares de. (2019). O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. *FuLiA/UFMG*, *4*(1), 72–87.

ALMEIDA-SILVA, Gustavo Henrique de; RIBEIRO, Victor Barbosa. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. e–28992, 2022. DOI: 10.36453/cefe.2022.28992. Disponível em: https://erevista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/28992. Acesso em: 8 dez. 2023.

ALTMANN, H.; REIS, H. H. B. dos. FUTSAL FEMININO NA AMÉRICA DO SUL: TRAJETÓRIAS DE ENFRENTAMENTO E DE CONQUISTAS. **Movimento**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 211–232, 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.35077. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/35077. Acesso em: 7 dez. 2023.

BAGGIO, Luana Maia. Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes. 2012. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Área de Ciências Sociais,** Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Santa Maria, 2012.

BALBINO, Hermes Ferreira. Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. Campinas, 2001. 164 f. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, 2001.

BALZANO, Otávio Nogueira. O ensino do futebol na perspectiva de colonial: desgastando a produção de sujeitos "pés de obra" – da formação na educação superior aos clubes de futebol. Orientador: Gilberto Ferreira da Silva. 2020. 400 f. **Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação**, Universidade La Salle, Canoas/RS, 2020.

BALZANO, Otávio Nogueira; MUNSBERG, JoãoAlbertoSteffen;SILVA, Gilberto Ferreira da. Machismo no futebol: Uma herança colonial. **E-Legis − Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, Brasil, v. 15, n. Especial, p. 58–74, 2022.

BARBANTI, Valdir José. Teoria e prática do treinamento desportivo. 2. ed. São Paulo: Edgar Blücher, 1979. 214 p.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, p. 229.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. A experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, vol. 2

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213-230.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma.Interseccionalidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021

DA ROSA, Marcelo Victor et al. Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. **Revista Gênero**, v. 21, n. 1, p. 190-218, 2020.

DAOLIO, Jocimar.; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Relato de uma experiência com o ensino de futsal para crianças de 9 a 12 anos. Motriz, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 169-174, 2003.

DE MELLO PINTO, Marcus Vinicius. O uso dos seres humanos em pesquisa científica na área da saúde: diretrizes e procedimentos éticos. **Enfermagem Brasil**, v. 10, n. 2, p. 92-98, 2011.

DE OLIVEIRA, Valdomiro; PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **Efdeportescom: Revista Digital**, v. 10, p. 71, 2004.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (Orgs.). A busca da excitação. Tradução de M.M.A. e Silva. Lisboa: Difel, 1992

FERREIRA, Henrique Barcelos. Iniciação esportiva: uma abordagem pedagógica sobre o processo de ensino-aprendizagem no basquetebol. 2001. Monografia (graduação em educação física bacharelado) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FERREIRA, Mario Jordão Pessoa et al. Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa. **Diálogos em Saúde**, v. 1, n. 2, 2019.

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa-3. Artmed Editora, 2008.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FREITAS, Vinicius da Silva; BAZHUNI, Rosayna Frota; LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro. Resistências e desafios na prática do futebol feminino. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**. Vassouras, v. 14, n. 1, p. 26-36, 2023.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. (2009). FUTEBOL FEMININO E AS BARREIRAS DO SEXISMO NAS ESCOLAS: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, (30), 28–43.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a Prática, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** São Paulo, v. 19, n 2, p.143-151, abr./jun.2005.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, Mulheres e Esporte (resenha). **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 199-210, jan./abr. 2006.

KESSLER, Cláudia Samuel. 'Entra aí pra completá': narrativas de jogadoras de futsal feminino em Santa Maria, RS 2010 (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

KESSLER, C. S. Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. 375 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (século XIX-primeira década do século XX). **Revista Brasileira de História**, vol. 27, p. 127-152, 2007

MENDONÇA, Renata. Estudo da Fifa mostra descaso de anos do Brasil com o futebol feminino. Dibradoras, 16 de julho de 2019. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera. uol.com.br/2019/05/20/band-triplica-audiencia-com-futebol-feminino-em-estreia-dastransmissoes/. Acesso em: 14 jan. 2023.

MEZZADRI, Fernando Marinho. 2000. A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais. Campinas. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Editora Vozes Limitada, 2011.

MONTENEGRO, Nara Romero; BALZANO, Otávio Nogueira. Futsal feminino universitário no Ceará: análise comparativa entre o perfil de equipes de universidade pública e privada. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 17, Nº 173, Outubro de 2012.

MOREL, Marcia; SALLES, José Geraldo do C. Futebol feminino. Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, 2005.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum. Tensões e diferenças na sala de aula: práticas docentes gênero e sexualidade. FCT/UNESP/Presidente Prudente. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 2007.

NASCIMENTO, DiegoEbling; AFONSO, Mariângela da Rosa. A participação masculina na dança clássica: Do preconceito aos palcos da vida. Revista Reflexão e Ação, Santa Catarina, v. 21, n. 1, p.219-236, jan/2013.

NASCIMENTO, Valderlene Costa do; LEITE, Marcelo Alencar. Adesão, permanência e dificuldades encontradas por mulheres, da cidade de Limoeiro do Norte no futsal: um estudo de caso. Revista Brasileira De Educação Física E Esporte, 35(Especial), 83-91. 2021.

OLIVEIRA, Caroline Silva. Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário. Monografia (Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

PARKER, Richard. Interseções entre Estigma, Preconceito e Discriminação na Saúde Pública Mundial. In Estigma e Saúde, S. Monteiro e W. Villela (orgs). Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2013 pp 25-46.

RIGO, Luiz Carlos et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira Ciência do Esporte, v. 29, n. 3, maio 2008.

SANTANA, Wilton Carlos de. Uma proposta de subsídios pedagógicos para o futsal na infância. 1998. Disponível em: http://www.pedagogiadofutsal.com.br/interna_artigos.aspx?id=14. Acesso em: 06 dez. 2023

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 26, n. 1, e37361, jan. 2018.

SILVA, Luana Luamar da; MACHADO, Raoni Perrucci Toledo; DIAS, Pâmela de Souza. Fatores motivacionais para a prática do desporto universitário. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 19 – N o 191 – abril de 2014. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd191/fatoresmotivacionais-do-desporto-universitario.htm. Acesso em: 23/10/23.

SILVA, André Luiz dos Santos; NAZÁRIO, Patrícia Andrioli. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, p. e40862, 2018.

STEFANON, Nayara da Motta; SILVA, Eduardo Rodrigues da. Futsal feminino e questões sobre sua aplicabilidade. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 18 – N o 185 – Octubre de 2013. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd185/futsal-feminino-esua-aplicabilidade.htm

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.

TODT, Nelson Schneider. Em busca do espírito olímpico: maturação biológica e iniciação esportiva. In: MORAGAS, Miquel de; DACOSTA, Lamartine (orgs.). Universidad y Estudios Olímpicos: Seminarios Espanha-Brasil 2006. Barcelona: Centre d'EstudisOlímpics i de l'Esport (CEO-UAB), 2007.p. 261-270.v. 1. Disponível: <https://docplayer.com.br/10447634-Em-busca-do-espirito-olimpico-maturacao-biologica-e-iniciacao-esportiva-no-minibasquetebol.html>. Acessado em: 10 dez. 2023.

VIANA, Aline Edwiges dos. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. São Paulo,V.6.jul.2008. Disponível em: http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/281/232. Acesso em 10/11/2023.

VIDAL, Iremeyre Rojas. A "iniciação esportiva" a quem compete? Um estudo sobre a formação profissional no campo da educação física. Rio Claro, 2006. 273f. (Dissertação de Mestrado), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2006.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In Silame Garcia, Emerson; Lemos, Kátia Lúcia Moreira. Temas atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.

WEINECK, Jürgen. Biologia do Esporte. 7 ed. Barueri: Manole, 2005.

ZIGONI, Patrícia. Políticas Públicas participativas de esporte e lazer: da congestão à co-gestão. Revista Motrivivência, v.10, n. 11, set/1998, p. 31-47.

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO/CONVITE E CONSENTIMENTO ENVIADA AO COORDENADOR DA INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

Fortaleza (CE), dia, mês e ano

Sr(a)_____

Estamos realizando uma pesquisa intitulada: "**O CORPO FEMININO NO FUTEBOL UNIVERSITÁRIO: PERCEPÇÕES SOBRE QUESTÕES DE PRECONCEITO E GÊNERO**", como trabalho de conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Esta investigação tem por objetivo: "investigar as percepções das atletas do futebol de mulheres da UFC sobre preconceito e gênero na modalidade". Informamos que a permanência do investigador nas dependências desta Instituição não afetará o desenvolvimento pleno das atividades. Além disso, será mantido sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos atletas das equipes. Certo de contarmos com a sua colaboração para a concretização desta investigação, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos. Contato:

e-mail: marcosalmeidacampos@gmail.com

Agradecemos antecipadamente.

_____

Claudia Silveira de Almeida

Pesquisador

_____

Prof. Dr. Marcos AntônioAlmeida Campos

Orientador da pesquisa

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

Prezado(a) participante:

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa "**O CORPO FEMININO NO FUTEBOL UNIVERSITÁRIO: PERCEPÇÕES SOBRE QUESTÕES DE PRECONCEITO E GÊNERO**", sob a responsabilidade da pesquisadora Claudia Silveira de Almeida e de seu orientador Marcos Antônio Almeida Campos.

Neste estudo, o objetivo é investigar as percepções das atletas do futebol de mulheres da UFC sobre preconceito e gênero na modalidade.

Sua participação envolve o preenchimento de uma entrevista com algumas perguntas relacionadas com o objetivo da pesquisa. A participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Email: Claudia Silveira de Almeida - claudinha_silveira@hotmail.com

Fortaleza, ___ de _____ de 2023

_____ _____

Claudia Silveira de Almeida Orientador

Aceito participar da pesquisa apresentada, voluntariamente, após ter esclarecido todo o processo.

_____

Assinatura da Participante

APÊNDICE C – ENTREVISTAS FUTEBOL FEMININO UFC

Código: Atleta 1

Data da entrevista:01/09/2023

Idade:27

1. **Como iniciou sua prática no esporte?**

   Foi desde fundamental 1, que já tinha educação física. E aí tinha o futsal e eu jogava né? Que eu era obrigada, mas eu gostava mesmo. No ensino médio que eu cursei no IFCE e lá tinha o time já de futsal feminino, que participava dos campeonatos entre os institutos federais, fase estadual, fase nordeste e tal.

2. **Você teve dificuldade na iniciação?**

   Tipo que eu sempre fui uma pessoa tímida, então tive dificuldade em relacionamento em qualquer canto que eu estava. Acho que a principal dificuldade foi essa, foi medo de estar entre o pessoal que eu não conhecia, e com isso não consegui realizar direito o que eu conseguia. Só era timidez mesmo. Eu também não sei identificar, porque como era criança também não consegui, se houvesse eu não soube identificar na época, e agora eu nem lembro. É só timidez.

3. **Você percebe alguma mudança corporal com a prática e como essas mudanças interferem na sua vida?**

   Sim, o pessoal disse que eu tenho perninha de jogadora, e mesmo sem eu ter um treino realmente, tenho isso por fatores genéticos, como minha amiga Claudia disse. Mas é certo, todo mundo falou que eu tenho perninha desde criança, sempre teve uma definição e tal. O futsal enalteceu muito mais, não tenho treino regular na academia, mas eu treino futsal e tal, e eu tenho uma perna que todo mundo vê e diz que é definida.

4. **Como é a aceitação da sua família e amigos por ser uma mulher que joga futebol?**

   Eu acho que eu tive a sorte de os meus pais sempre apoiarem, entendeu? Então, desde o começo, o meu pai procurou uma escolinha de futebol para eu estar. Tipo assim, ele comprava as bolas para nós, meus amigos que moravam perto e tal. Então, acho que

eu tive sorte nessa relação. Sempre tive apoio da família em praticar, entendeu? No ensino médio também, estudei no IFCE, então, nunca tive muitos amigos. E meus amigos também, porque amigo mesmo eu fiz mais dentro do próprio meio do esporte, então nunca tive problema com isso. Sempre que eu chegava lá em casa, o pessoal falava: eita, a jogadora chegou e tal. Eu sempre fui muito orgulho, sempre perguntava. Quando é que você vai estar na Copa, entendeu? Então todo mundo sempre me incentivou, da minha família. Tive essa sorte.

5. **Você acha que o futebol influenciou na sua orientação sexual?**

   Acho que não. Desde muito cedo, quando a gente começa a passar por algumas mudanças da infância pra adolescência, principalmente na adolescência, a gente já vai percebendo coisas e sentindo coisas que, tipo assim, no meu caso, não eram colocadas como normais, mas eu sentia, sempre esteve ali, só que eu sempre escondi pra famílias e amigos. Mas isso já veio antes de eu entrar em qualquer esporte, entendeu?

6. **Você acha que o futebol de alguma forma pode influenciar na orientação sexual de uma menina/mulher?**

   Não, acho que o esporte é um reflexo da sociedade que a gente vive né? De todas as experiências que a gente tem fora dele e aí a gente leva pra dentro dele. Mas não é ele que está determinando que a gente é, entendeu? Acho que a gente é fora dele e dentro dele.

7. **Durante toda sua trajetória no esporte, foi possível notar revelações de preconceito por ser uma mulher que joga futebol?**

   Como é que assiste jogo desse, jogo desse parado, não sei o quê, se liga. E nem acompanha, só fala. Que é e não acompanha. Assiste assim um pouquinho na época da Copa do Mundo. Por que é que o futebol masculino é tão maior que o futebol feminino? É porque a mulher não sabe. Porque nunca teve incentivo, nunca teve investimento, nunca teve nada disso, entendeu? Não tem essa pergunta. Só acha que mulher não é para futebol e é por isso que não sabe jogar. Sendo que não tem nada a ver sobre isso. Meu pai nunca reclamou de eu gostar de futebol, sempre que me incentivou. Mas, tipo, tal momento ele percebeu que eu estava gostando de menina, e aí ele ficou com medo disso, entendeu? A pessoa que tem um apreciamento mais conservador, que não entende mais ou menos, né? Contra mim, especificamente, não

percebi, mas eu já percebi com outras pessoas, com colegas, já escutei relatos e tal, principalmente dentro da própria família esse preconceito, né?

8. **No contexto universitário, consegue perceber diferenças em relação aos incentivos ofertados ao futebol masculino e feminino?**

   Eu acho que na nossa realidade, no UFC, a gente tem a sorte de ter a coordenação de esporte que sempre chega junto, entendeu? Do futebol feminino, sempre procura incentivar, entendeu? Só que ao mesmo tempo eu percebo, quando a gente vai para competições universitárias, a diferença da quantidade de times femininos e times masculinos. Então eu acho que a nossa realidade é a parte da gente ter todo esse incentivo pela UFC, mas em outros locais eu acho que há essa diferença de incentivo. Tanto para a prática como para questão financeira e tal.

Código: Atleta 2

Data da entrevista:08/09/2023

Idade:25

1. **Como iniciou sua prática no esporte?**

   Minha prática no esporte começou, eu acho que era 2012, mais ou menos, na escola. Eu sempre gostei de praticar esporte e tudo mais. E a oportunidade que eu mais me vi nela foi o futsal. Nem existia futsal na minha escola. Aí eu juntei com as meninas e tal, a gente falou com o professor e abriu a escolinha. Era na época a escola particular de bairro, né? Então abriu a escolinha, aí a gente pagava para treinar e tal. Duas vezes na semana eu tinha o quê? Acho que era 2000. Eu tinha uns 12 anos. Não, acho que foi antes. Acho que eu tinha uns 10 anos. Na infância, jogava brincando com meus amigos, mas o contato maior foi na escola. Costumava quando era pequena com dois filhos da amiga da minha mãe, eu, meu irmão para a praça e ficava brincando de tudo.

2. **Você teve dificuldade na iniciação?**

   Minha família nunca teve muitos recursos financeiros. Então até mesmo para pagar essa escolinha era um pouco difícil. Será que dá certo e tal? Mas aí minha mãe sempre fez todos os esforços para mim poder fazer as coisas que eu queria. E na época eu era bem gordinha, então eu via isso também como uma forma de mim, né, dar uma emagrecida e tal. Então ela se esforçou para eu poder praticar o futsal. Então essa foi uma dificuldade financeira, mas também teve questões de preconceito. Porque durante toda minha prática na escola sempre tinha muito um pré-julgamento sobre. As meninas que praticavam futebol, futsal, enfim, ficavam dizendo que era homem, que não sei o que, sapatão, essas coisas, enfim. E nessa época com certeza isso acaba mexendo um pouco com a sua cabeça. Mas eu não deixei de praticar, depois que eu comecei na escola eu não deixei de praticar nenhum ano. Desde a época do sexto ano eu pratico todos os anos, inclusive na faculdade, né, quando eu entrei. Mesmo com todos, alguém dando dificuldade, tu nunca deixou de querer largar, né? Não, inclusive minha mãe tinha muito medo, ela ficava com esse preconceito de dizer, ah, não sei o que, tá nesse meio. Então minha mãe era preconceituosa também nesse sentido. Até mesmo quando eu entrei na faculdade ela falava um pouco e tudo mais. Na escola

tinha muitas amigas que jogavam, que na cabeça dessas pessoas tinha um estereótipo meio masculino. Então, além de ser comigo, também era com todas elas. Era difícil ter alguma menina ali que ninguém zoava por estar praticando futsal. Então, mesmo sem esse suposto estereótipo, ainda acontecia bastante.

3. **Você percebe alguma mudança corporal com a prática e como essas mudanças interferem na sua vida?**

   Pronto, desde que eu, como eu falei, né, tipo, quando eu resolvi começar a jogar futsal, porque minha mãe também me apoiou por esse motivo, que era emagrecer, então eu era uma criança bem gordinha, e com a prática do futsal, foi uma forma de eu me necessitar e tal, e eu consegui emagrecer. Não era o meu objetivo, porque naquela época minha mãe dizia, ah, se tu comer dois pães, tu não vai nem passar nessa porta. Eu dizia, eu não quero passar nessa porta. Eu não ligava muito pra questão de estética corporal. Então, mas eu percebi essa mudança, claramente, mas ela ficou mais evidente pra mim no segundo ano do ensino médio, porque realmente eu de, acho que pela intensidade dos treinos, que talvez tivesse aumentado, eu realmente emagreci significativamente. Foi só a mudança estética mesmo. Talvez, sim questão postural. E aí eu acho que também já entram outras questões além do futsal em si, porque minha postura era bem ruinzinha, eu analisando hoje e pensando no passado. De ficar apoiada sempre numa perna só, a postura de estar assim com os ombros meio caídos. Uma postura assim de uma pessoa mais cansada. Então, eu acho que hoje em dia eu tenho, graças ao futsal e também a outros tipos de treino, eu dei uma melhorada bastante nessa minha postura.

4. **Como é a aceitação da sua família e amigos por ser uma mulher que joga futebol?**

   Hoje em dia é super tranquilo. Uma época atrás não era tão tranquilo, mas pela minha família sempre teve uma aceitação muito boa. Minha mãe tinha esses medos, esses preconceitos que eu falei, mas ela sempre gostou. Inclusive, vou fazer um relato aqui breve sobre um fato que aconteceu. Eu acho que eu estava no sétimo ano, no sexto ano, enfim. Eu sempre, desde os 10 anos, tenho um alto grau de miopia. Então eu jogava na escola de óculos. E teve uma vez que a gente foi jogar na escola e tal, e não permitiram que eu jogasse de óculos. Sendo que eu tinha uma autorização dos meus

pais, que eu sempre jogava em todos os cantos com ela e tudo mais. Mas não permitiram, porque disseram que eles poderiam se responsabilizar por mim, mas não pelos outros. Enfim, eles não deixaram eu jogar. Aí minha mãe foi atrás. Minha mãe não costuma assistir tantos meus jogos, mas por casualidade mesmo, por não casar horário. Mas nesse dia ela foi atrás, fez de tudo pra me poder jogar, enfim, ela meio que batalhou por isso e isso ficou muito marcado na minha memória. Foi bem claro assim que ela me apoiava. Até hoje em dia ela me apoiava. Os dois me apoiam, meu pai sempre, tipo, ele ficava dizendo, ah, porque tu não vai jogar no campo, não sei o que, querendo que eu fosse treinar de outras formas. Eu nunca quis que isso passasse de algo, assim, de certa forma, casual, porque eu treinava na escola, treino na faculdade, mas eu não quero me profissionalizar nisso, eu nunca quis. Então ele, às vezes, a gente discutia sobre isso porque eu nunca quis procurar um time pra jogar. Mas os dois têm certos preconceitos, mas nunca se opuseram. Em relação ao estereótipo que todas as pessoas colocam de que estar no meio do futebol tem que, necessariamente, ser sapatão. Meus amigos sempre apoiaram, sempre jogaram comigo, treinavam extra junto. Apoiaram bastante, assim.

5. **Você acha que o futebol influenciou na sua orientação sexual?**

Não, eu não acredito que alguma modalidade esportiva possa influenciar a orientação sexual de ninguém porque durante toda a minha prática esportiva eu me considerava hétero. Passei 10 anos mais ou menos praticando futsal até me identificar como lésbica. Eu tive dois relacionamentos héteros e isso para mim era super normal. Assim como hoje eu considero ter um relacionamento lésbico muito normal e eu não considero que tenha nada a ver com o futsal, embora eu tenha conhecido no futsal se fosse algo determinante para definir. Orientação sexual de alguém, eu acho que teria acontecido bem antes. E se fosse também o caso, não aconteceria, por exemplo, a mesma coisa no vôlei, já que teoricamente, assim como tem preconceitos de dizer que o futsal é um esporte maior praticado por meninas lésbicas, o vôlei tem a fama de ser praticado por meninas hétero. Porém, é totalmente adverso, adverso não, mas totalmente comum nos dois. Assim como também é comum nos dois terem atletas héteros. Então, acredito que não. O ambiente também não influenciou. Conheci várias pessoas, a maioria meninas, óbvio, por causa da modalidade feminina, que são muito

legais, muito acolhedoras e isso gerou um ambiente acolhedor também, mas em nenhum momento senti a atração. Por nenhuma, só apenas por conviver, assim como o oposto também não aconteceu. Ninguém veio querer ficar em cima de mim, ficar comigo contra a minha vontade, nem nada do tipo. Então acredito que esse ambiente não diz nada sobre a orientação sexual de ninguém.

6. **Você acha que o futebol de alguma forma pode influenciar na orientação sexual de uma menina/mulher?**

   Olha, eu acho que depende muito de pessoa pra pessoa. Algumas pessoas vamos supor que o time atual que eu jogo seja composto 90% por meninas lésbicas, enfim, que se relacionam com mulheres. Pode ser que tenha uma pessoa que se sinta na, tenha a cabeça voltada pra querer meio que fazer parte disso e tudo mais, mas eu acredito que isso vai da pessoa. Eu, por exemplo, como eu falei, passei 10 anos e gostava de conviver com as pessoas, gostava de sair, gostava de tudo, mas nunca tinha sentido vontade porque, para mim, se trata da pessoa e não necessariamente do que o padrão do que o ambiente que eu estou está querendo. O mundo está atualmente, sei lá, seguindo. Então o futebol não influencia? Não. Eu acho que a personalidade da pessoa influencia na orientação sexual que ela quer seguir.

7. **Durante toda sua trajetória no esporte, foi possível notar revelações de preconceito por ser uma mulher que joga futebol?**

   Sim, já me chamaram de sapatão. Uma vez, aleatório, eu estava no ensino médio, o menino sentou do meu lado e veio conversar também, tipo, não sei o quê, tu é gobe. Aí eu não sabia nem que diabo era isso. Eu não sabia nem o que responder, não conhecia nem a menina, enfim, achei super estranho, mas depois eu soube que gobe era praticamente a mesma coisa que lésbica. E eu fiquei. E isso ela falou justamente porque eu tinha acabado de sair do treino de futsal. Ela não falou no tom pejorativo, óbvio, mas meio que associou a minha prática a isso. Porém, tem não, tem não. Porém, eu nunca sofri nada assim muito. Muito sério, muito de me abalar, só piadas, comentários desagradáveis, não, de nenhum colega, colegas de sala, né? Não, colegas de sala não, mas pessoas não próximas de colegas de sala, eu nunca sofri não, porque eu acho que eu sempre tive uma boa relação com todos. Mas em outro ambiente já teve, sei lá, num estágio, não sei, em algum canto de fora, ou até da família. Como eu

disse, às vezes quando a gente está jogando em um ambiente externo, alguma coisa do tipo, sempre escuto algum comentário desse tipo. Atualmente isso não me afeta, e nunca chegou a me afetar ao nível de eu ficar minimamente preocupada com isso. Mas eu acredito que, assim como acontece comigo, acontece com várias outras meninas e que a cabeça de todo mundo não é igual, óbvio. E com certeza deve afetar mais outras do que a mim, até mesmo quando eu me considerava hétero eu não me abalava com essas coisas.

8. **No contexto universitário, consegue perceber diferenças em relação aos incentivos ofertados ao futebol masculino e feminino?**

   Bem, no contexto universitário, eu vou falar do que eu mais conheço óbvio, que é a UFC. Eu não vejo essa diferença. Eu acredito que dentro da Universidade Federal do Ceará, essa igualdade, não é nem equidade, realmente igualdade existe. Eu acredito que a gente nunca deixou de participar de uma competição que o time masculino participou. O investimento sempre foi o mesmo. Se um atleta do masculino recebia mil reais de ajuda de custo, o atleta do feminino recebia mil reais de ajuda de custo. As únicas competições assim, que às vezes o masculino participava o feminino não, ou então o feminino participava, o masculino não, é por questão realmente de se classificar para a competição. Às vezes o masculino podia se classificar para o futebol 11 e a gente nem chegar aí porque não é o nosso futebol. Forte a gente não se prepara para treinar esse tipo de competição ou então alguma outra deles da gente se classificar eles não enfim é questão realmente de desempenho de esforço e não de gênero eu acho que além da UFC eu acho que também é assim pelo menos na maioria né nas universidades principalmente na federal eu acredito que se tem assim esse olhar é nas particulares pelo menos as daqui de fortaleza eu também vejo muito investimento no feminino assim como a própria Unifor que o futsal feminino da Unifor é muito superior ao futsal masculino da própria Unifor elas viajam para JUBS, enquanto masculino nunca consegue essa classificação, mas aí como eu falo já não é uma. Questão de investimento também. É uma questão de desempenho, de esforço.

Código: Atleta 3

Data da entrevista:15/09/2023

Idade:29

1. **Como iniciou sua prática no esporte?**

   Bom, iniciou quando eu tinha por volta de sete anos. Eu comecei a jogar no intervalo da escola. Na época tinha um dia na semana pra jogar. E aí eu comecei a jogar com os meninos, futsal nessa época. E até jogava às vezes com latinha, né? Não era nem com bola, mas foi por aí. Mais ou menos com sete anos.

2. **Você teve dificuldade na iniciação?**

   Não, nessa época não. Acho que não tinha dificuldade. Cheguei até a começar a frequentar a escolinha da escola. Na verdade, a dificuldade que tinha era mais relacionada com a quantidade de meninas que jogavam na época. Era muito pouco, né? Então eu tinha que acabar jogando com os meninos, praticamente. Era praticamente só eu de mulher jogando no meio de um monte de meninos. Então era basicamente isso.

3. **Você percebe alguma mudança corporal com a prática e como essas mudanças interferem na sua vida?**

   Bom, quando eu comecei a jogar, na época, eu era muito, muito magra, né? E aí eu percebi que, a partir do momento que eu comecei a treinar e participar de competições, enfim, ter uma rotina mesmo de treinos e etc., eu percebi um aumento de massa mesmo. Eu era bem magra, ao ponto de, às vezes, sofrer bullying por conta disso. Então, nesse sentido, acrescentou muito na minha vida, né? No sentido de saúde também, de estética. E é isso.

4. **Como é a aceitação da sua família e amigos por ser uma mulher que joga futebol?**

   Bom, nunca houve muita resistência em relação a questão de gênero, sabe? Por parte da minha família, né? Eu jogo desde os 7 anos, como eu falei, eu já cheguei a ganhar bolsa de estudos por jogar futsal, então sempre tive uma boa aceitação da minha família nesse sentido. Meu pai frequentava os meus treinos, ia para os meus jogos e tudo mais. A questão mais da dificuldade é em relação ao tempo que eu dedico, né? A

questão ao gênero. Mas em relação ao tempo que eu dedico, durante a faculdade, agora que eu tô trabalhando, enfim, tem essa questão do tempo. Em relação aos amigos, eu não percebo também essa diferenciação de gênero, até porque todo mundo que me conhece sabe que eu jogo há muito, muito tempo. E é mais essa questão também do tempo que eu dedico, né? As pessoas acho que às vezes se perguntam se eu não faço outra coisa na minha vida. Então, tem mais essa questão do tempo do que em relação ao gênero mesmo. Ah, quando eu era criança, eu percebia um pouco de resistência mais dos pais dos meus amigos, né? Quando chegava uma mãe de uma amiga minha, principalmente, ou uma mãe de um amigo meu, eles olhavam pra mim meio com um olhar meio estranho, sabe? Como se eu estivesse fazendo algo absurdo, como se aquilo fosse extremamente estranho. E eu percebia que, às vezes, as mães acho que tinham um pouco de medo da minha influência em relação às filhas, principalmente. Os meninos, em relação aos meninas, acho que ninguém ligava, mas eu percebia que em relação à mãe das meninas, as mães das meninas, eu percebia muito essa resistência, sabe? Quando eu ia brincar na casa delas e tudo mais, elas tentavam fazer com que a gente não jogasse bola. Basicamente isso.

5. **Você acha que o futebol influenciou na sua orientação sexual?**

   Talvez, mas não porque determinou a minha orientação, mas talvez permitido que eu tivesse me descoberto bem antes do tempo. Eu acho que eu já tinha certas inclinações, mas com o futebol, com o convívio com outras meninas que tinham a sexualidade mais bem resolvida e tudo mais, eu fui começando a perceber que aquilo realmente existia, porque antes eu chegava a assistir à atração, mas eu pensava que aquilo era algo impossível de acontecer, sabe? Eu pensava, pô, só se eu fosse um cara que eu poderia ter esse tipo de relação. Mas aí com o futsal, com o contato, como eu falei, com outras pessoas que tinham a sexualidade mais definida, eu fui percebendo que aquilo também era normal. Então a questão do não influenciou no sentido de mudar minha sexualidade, influenciou no sentido do tempo que eu levei para me descobrir, o tempo que levei para me aceitar.

6. **Você acha que o futebol de alguma forma pode influenciar na orientação sexual de uma menina/mulher?**

Não, eu acho que talvez influencie as pessoas a se descobrirem, sabe? Eu acho que tem muito essa questão de achar que aquilo é impossível. E aí, a partir do momento que você acha aquilo impossível, ou às vezes nem cogita a possibilidade, aquilo nunca acontece com você. Então, a partir do momento que você percebe que é algo normal, que você tem contato, que você vê que não é coisa de outro mundo, principalmente para as meninas que eram héteras, quando elas veem que não é coisa de outro mundo, elas começam a se permitir. E aí, dentro disso, descobrem a sexualidade. Mas, assim, influencia no sentido, talvez, da descoberta. Eu acredito que é na descoberta, não de efetivamente transformar alguém bissexual ou homossexual. Eu acho que é a questão de antecipação de algo que já poderia vir a acontecer. Então, até aqui tem meninas, que eu treino desde sempre há anos, assim, e nunca tiveram essa inclinação, seja homossexual ou bissexual, elas permanecem sendo heterossexuais, apesar de conviver com várias meninas que são bi ou gays, enfim, não houve essa inclinação.

7. **Durante toda sua trajetória no esporte, foi possível notar revelações de preconceito por ser uma mulher que joga futebol?**

   Ah, eu já notei, principalmente quando eu era mais nova, como eu falei, que tinha essa resistência, principalmente das mães, das meninas, que eu percebi olhares, às vezes elas falavam algumas coisas, tipo que eu parecia, assim, entre aspas, que eu parecia macho e tudo mais. Eu senti essa questão quando eu era mais nova. Atualmente, hoje eu não sinto mais isso, talvez pelo respeito que as pessoas tenham por mim, a questão da formação universitária e tudo mais, mas eu percebo uma certa diferenciação em relação a gênero quando, por exemplo, a gente está em competições, normalmente isso é muito visível, tem uma diferenciação no tratamento da arbitragem, tem uma diferenciação em relação à própria organização da competição, o troféu que a gente recebe sempre é menor, os horários que a gente pega são sempre os piores, a gente joga em piores horários, em condições. Às vezes transmissão de jogos também, transmite do masculino e do feminino não. Então tem uma série de diferenciações que a gente percebe no dia a dia, como atleta, mais relacionadas ao gênero, simplesmente porque a mulher tem uma certa diferença de tratamento.

8. **No contexto universitário, consegue perceber diferenças em relação aos incentivos ofertados ao futebol masculino e feminino?**

No contexto atual que a gente vivencia aqui na UFC, eu não consigo perceber diferenciação nesse sentido. Eu acho que o futsal feminino sempre foi muito prestigiado, obviamente não porque é mulher, nada relacionado a gênero, mas por resultados que a gente vem alcançando. Então, eu acho que o fato de a gente ter bons resultados, ter tido bons resultados nos últimos anos, favoreceu para que a gente tivesse mais prestígio diante das outras equipes. Mas não é algo que é relacionado ao gênero, por exemplo. Então, assim, comparando com o que a gente vivencia fora do contexto universitário, eu acho que a gente está num ambiente neutro, sabe? Porque em outras ocasiões a gente poderia ter esse prestígio, ter esse acervo de vitórias e tudo mais de conquistas, e mesmo assim estaríamos meio que rebaixadas diante do futsal masculino. Mas como eu percebo que. Que não existe essa diferenciação, eu considero que estejamos num ambiente neutro, realmente. A UFC favorece essa questão igualitária de gênero. Porque, assim, muitas falaram sobre isso e eu ia debater, porque nas federais não é neutro os dois. Assim, tentando pensar nas competições e tudo mais, eu não vejo a diferenciação no contexto universitário. A gente abranger isso aí pro contexto aberto da questão do futsal feminino no geral, do adulto, eu percebo essa diferenciação. Então eu acho que talvez seja algo, essa questão igualitária seja algo mais restrita à universidade mesmo.

Código: Atleta 4

Data da entrevista:22/09/2023

Idade:29

Tempo de prática:

1. **Como iniciou sua prática no esporte?**

   A minha prática foi na rua mesmo, principalmente no futebol, foi jogando entre os meninos, principalmente. Na verdade, não tinha nenhuma menina. Foi na rua, depois no colégio e depois na faculdade. Na rua, eu não lembro exatamente a minha idade que eu comecei a jogar na rua, mas eu lembro de, nos meus seis, sete anos, ser a minha atividade preferida era brincar de futebol na rua mesmo. No colégio era que você jogava? No colégio, no início, vamos dizer, fundamental 1, primeiro, segundo, terceira, primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta, sério, que agora é ano, não sei quanto tempo. A gente não tinha, eu não tive essa oportunidade de jogar até os 13 anos, mas eu não tive a oportunidade de jogar sistematicamente, treinos. Toda semana, campeonatos e tudo mais, então antes disso tinha só apenas os campeonatos da Semana Cultural nos colégios que a gente participava e quer dizer, lembrei de uma coisa, na segunda série eu estudei no colégio, na terceira série eu estudei no colégio que realmente eu treinei e participei de alguns campeonatos pelo 21 de julho, aí acabou, só foi esse ano, foi algo pontual né, digamos assim, mas assim outros colégios eram só na Semana Cultural e ainda era disputando espaço com os meninos na quadra.

2. **Você teve dificuldade na iniciação?**

   No colégio a gente quer brincar de futebol. Não tem essa oferta para o feminino. Normalmente as minhas aulas de educação física eram muito... Que eu lembro, pelo menos nesse fundamental, eram muito livres. Então juntavam rapidamente os meninos para jogar bola. E na lateral da quadra ficava quem queria brincar de carimba, vôlei e tudo mais. E aí eu tinha dificuldade, sim, para jogar ali, né? Mesmo que não seja de forma sistemática, ainda senti. Tinha no colégio. Inclusive eu te falei, vou falar né, sobre essa questão né, que eu trazia a bola, aí até o momento, então a bola era minha, então tinha bola pra jogar né, e aí até o momento que tinha bola eu tava ali jogando, a

partir do momento que chegava à professora com o material da escola, os meninos pegavam a bola da escola e automaticamente eu saía, eles me tiravam meio que assim mesmo. Pronto, já demos a bola, não precisamos mais da sua bola.

3. **Você percebe alguma mudança corporal com a prática e como essas mudanças interferem na sua vida?**

   Pensando psicologicamente, a gente vai criando uma certa resistência, uma casquinha. Principalmente a gente, sei lá, que é mulher e no futebol, né, especificamente. Então, passar por essas coisas de você querer muito, ter muitas barreiras, de preconceito mesmo. Graças a Deus, meus pais nunca foram preconceituosos, assim, de chegar a impedir minha prática, como a gente sabe que tem, né. Pelo contrário, eles até incentivavam, foram para alguns jogos comigo. Eu lembro quando eu machuquei meu pai, cuidou de mim. O meu pé foi comprar coisinhas na farmácia, eu lembro muito bem disso. É... Mas, assim, você vê uns. Comentários negativos sabe, em relação a nossa orientação sexual por a gente jogar bola ali, gosta de mulher entendeu, tipo assim, então acho que todas as meninas passaram por isso. Mas mudou basicamente aí, isso fez você criar uma casca se não quer jogar bola é independente qualquer coisa é um esporte que é para todos independente do sexo feminino ou masculino, então você vai criando essa resiliência né, nesse sentido. E mudança corporal eu vi notar mais na minha juventude, não foi nem na adolescência, eu sempre me senti uma pessoa que tinha como é que eu posso dizer uma destreza para praticar qualquer tipo de esporte, e isso faz bem pra mente também né. Você se dá bem todos os esportes, mas muito por causa da prática do futsal e aí você sente mais rápido, mais forte. Mas uma mudança assim drástica mesmo só na juventude, que você começa a entender melhor que pra competir você tem que treinar mais, tem que comer direito, então é isso, eu percebi essa mudança mais na minha juventude mesmo.

4. **Como é a aceitação da sua família e amigos por ser uma mulher que joga futebol?**

   Pronto, assim, dentro do meu principal núcleo familiar, que são meus pais, meus irmãos, eu nunca tive nenhuma barreira. Pelo contrário, eles sempre aceitaram, nunca me impediram de jogar, né? Como eu sei que tem casos, não, você não vai jogar, você é mulher. Inclusive, tinha uma menina na minha rua que não jogava, meus pais não

deixavam de jogar futebol, né? Mas dentro do meu núcleo, não. Meus pais já me levaram a jogos, minha mãe assistiu um jogo meu, meu pai cuidou de mim quando eu machuquei o pé, comprou coisas na farmácia, cuidou. E nunca, tipo assim, dizia assim, tá vendo, vai jogar bola de novo? Não. Então, eu nunca enfrentei essa barreira no núcleo familiar. Entre os amigos, assim, não vou recordar muito bem, né? Porque o que eu tenho hoje mais recente foi o ensino futebol. Fundamental 2 que foi o oitavo no ano que eu joguei no colégio era sistemático, ensino médio parou o ensino médio teve muito não, nem teve por que nem tinha essa prática, eu tô confundindo com os amigos. Pois eu não lembro muito bem essa questão em relação às amizades no fundamental 1, que eu acho que foi quando eu senti mais esse preconceito né, entre os amigos assim é acho que até teve mesmo, hoje em dia entre os amigos não, entre a família eu não recordo muito bem, mas assim eu acho que sempre tem uma tia ou tio distante que fala assim, a menina jogando bola vai fazer outra coisa, eu não lembro bem se teve né mas eu acho que posso ter tido algum burburinho, mas não preconceito mesmo se tem colégio entendeu pessoal dizer que eu te falei é mulher joga futebol.

5. **Você acha que o futebol influenciou na sua orientação sexual?**

   Claro que não.

6. **Você acha que o futebol de alguma forma pode influenciar na orientação sexual de uma menina/mulher?**

   Não. Lógico que o ambiente vai te influenciar. Mas não é o esporte em si, entendeu? Então não.

7. **Durante toda sua trajetória no esporte, foi possível notar revelações de preconceito por ser uma mulher que joga futebol?**

   eu acho que na rua de você às vezes senti até a coada mesmo de não querer jogar porque vão me chamar de sapatão, entendeu? Nesse sentido na rua no núcleo familiar como eu falei não, no colégio também senti assim uma certa barreira não for saber lembrar exatamente as palavras, mas você tem esse sentimento que teve. Eram as pessoas que falam, né? Era. Nunca diretamente, mas tinha. Também tinha um professor que não facilitava a sua prática. Tinha os próprios alunos, né, e tudo mais. Na faculdade não tive isso, então acho que foi mais assim. O que eu penso, né, que eu lembro também assim, é que eu sei que amigas sofreram com isso, eu não sei, vou

saber exatamente o que foi, mas eu tenho amigas que a mãe não quer que ela pratique, que acha que o futebol realmente vai influenciar na orientação sexual dela, então ela quer tirar a pessoa do esporte, tem isso, é, mas comigo não. Tu já viu também jogando, alguém falando essas coisas? Boa pergunta. Não sabe. Não lembro, não lembro. Mas assim, se eu não lembro é porque algo não causou nada em mim, então possa não ter acontecido, né? Mas já vi comentários, porque o futebol feminino não tinha o apoio que ele tem hoje, que não é o ideal ainda. Profissional, as meninas já jogam com uniformes femininos e não os que os masculinos, o time masculino usava que servia pra elas também. Então, aquele olhar na sociedade pra ver uma mulher com a roupa bem grandona, ah, ali é um machão, entendeu? Você escuta muito isso. Pelo menos eu escutava muita época, olha aí, essa mulher é um macho todinha. Então, sim, eu me sinto assim.

8. **No contexto universitário, consegue perceber diferenças em relação aos incentivos ofertados ao futebol masculino e feminino?**

   Na UFC, não. Mas em outras universidades a gente vê muito. Assim, um nível bem absurdo mesmo.